

Formas do parentesco: grafismo e enunciação no Vale de Araotz (País Basco)

ION F. DE LAS HERAS

Introdução

A diagramática do parentesco, aquela que Rivers (1910) consolidou mediante a proposição do famoso “método genealógico”, está em crise. Com isso não pretendo por em dúvida o mundo analítico que ela envolve, mas apenas ressaltar que a causa das críticas emitidas desde a década de 80 a este mecanismo descritivo não goza do seu antigo prestígio científico, de modo que cada vez são menos os que confiam na sua rentabilidade analítica. Este artigo versa sobre como uma possível reconsideração problemática e crítica desse mecanismo gráfico pode ser fonte de novas formulações antropológicas.

Vale lembrar que no decorrer de mais de 50 anos o método genealógico e sua diagramática¹ foram considerados uma “ferramenta indispensável da pesquisa etnográfica” (Silva 2010: 328). Por muito tempo a função específica dos diagramas foi a de ilustrar: o objetivo técnico consistia em resolver graficamente um movimento comunicativo que permitisse a apreensão intelectual de totalidades mediante um simples olhar sobre uma destas figuras: apreensão sistemática da terminologia geral do parentesco para um ego chamado Kurka (Fig.01); apreensão sistemática da distribuição da carne de búfalo entre parentes numa região de Birmânia (Fig.02); apreensão sistemática das relações históricas de consanguinidade, aliança e residência de centos de indivíduos de Pul Eliya (Fig.03). Enfim, ilustração do pensável e transporte do apreensível.

1 Vale diferenciá-los, pois pode se considerar que a diagramática de Rivers, apesar de consistir em seu meio material, não envolve todas as implicações epistemológicas do *método* propriamente dito.

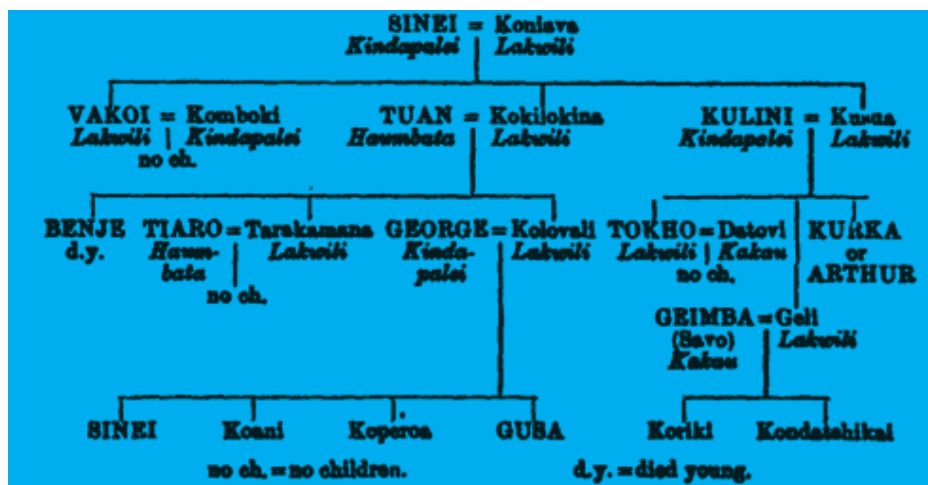


Fig.01: Diagrama genealógico Kurka (Rivers 1910: 1).

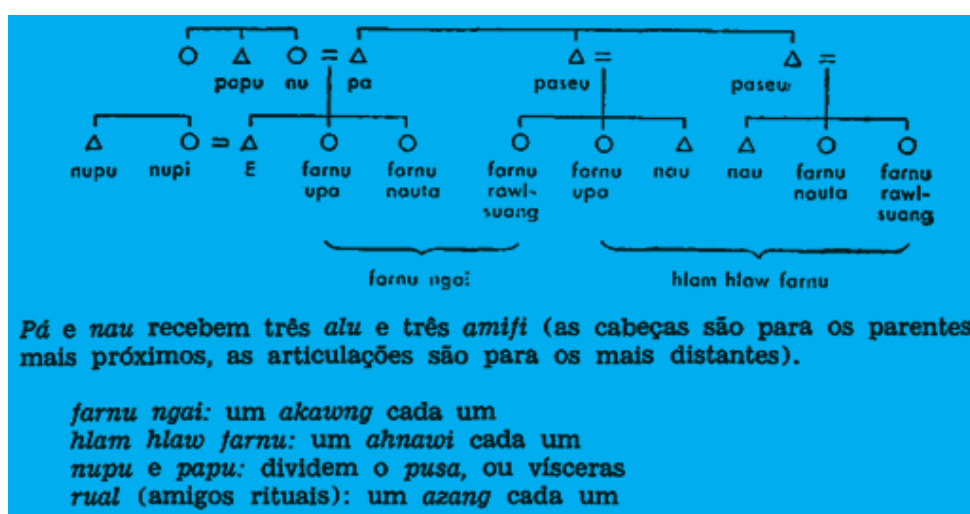


Fig.02: “Distribuição da carne de um búfalo [...] entre parentes [...] numa região de Birmânia” (Lévi-Strauss 1982 [1949]: 75).

O cisma surgiu no momento em que os próprios antropólogos começaram a reconhecer o que para a teologia cristã era uma obviedade incômoda desde os inícios da predicação visual: que as imagens são imagens, isto é, que o que era apreendido pelo receptor de um diagrama genealógico não era uma “realidade” nativa (ou sagrada) propriamente dita, mas um “artefacto”: uma representação feita por um produtor-emissor e condicionada pelos seus recursos técnicos e epistemológicos (além de suas intenções discursivas). Isto aconteceu por uma pluralidade de motivos, dos que apenas mencionarei três possíveis: (1) por um lado, a crítica de Schneider (1984) feita desde (e para) o âmbito da antropologia do parentesco permitiu reconhecer o descompasso existente entre a descrição derivada da metodologia do parentesco e os modelos nativos (isto é, entre a representação antropológica e a representação nativa); (2) em segundo lugar, as preocupações narratológicas de autores como Geertz (2010 [1989]) ou Clifford e Marcus (1984), interessadas menos nos objetos supostamente nativos representados nas etnografias e mais nos modos de representação desses objetos por parte dos antropólogos, deslocaram o foco de atenção para a descrição etnográfica; (3) paralelamente, os estudos iconológicos de autores como Kaplish-Zuber (1991, 2000) ou Bouquet (1996), ao constituir uma genealogia da imagética do parentesco até sua incorporação pela disciplina antropológica, demonstraram que aquela

ferramenta científica podia ser historiada, isto é, que aqueles diagramas, pensados como “imagens convencionais” (Bouquet 1996: 46), eram passíveis de ser analisadas por meio do instrumental da história da arte. Assim, foram vários os antropólogos que deduziram disso que os diagramas genealógicos, ao não constituir (como outrora se pensou) a expressão neutra de uma realidade objetiva, faziam com que os receptores caíssem no jogo artificioso e retórico (no sentido depreciativo do termo) das imagens persuasivas. Para Bouquet (1996), por exemplo, os diagramas genealógicos desenvolvidos pelos antropólogos depois de Rivers não seriam resultado dos condicionantes do material de campo ou dos modelos de conhecimento nativos; porém, como resultado da extensão de categorias Euro-Americanas, os estudos de parentesco apenas refletiriam “os limites de uma consciência ideológica específica” (ibid.: 44), a nossa. Enfim, desde o ponto de vista desta crítica, no momento de apreender intelectualmente o que os diagramas sistematizam, apenas estaríamos nos olhando num espelho; dito de outro modo, os conteúdos representados por estas figuras não dizem nada do outro ou de uma realidade outra.

Neste artigo pretendo explorar outra via a respeito deste problema imagético. Talvez os diagramas não expressem a realidade dos outros, mas não há dúvida de que eles, em sua imanência, produzem uma realidade capaz de se agenciar. Quero dizer com isto que as imagens, independentemente do que representam (dos seus conteúdos), habitam o mundo como qualquer outro corpo e participam ativamente da interação social. O que aqui sugerirei, nesse sentido, vem precedido pela hipótese de que a visualidade dispõe de certa autonomia em relação à linguagem, de modo que as imagens são capazes de produzir seus próprios desdobramentos (suas próprias formas e substâncias de expressão e conteúdo, diria Hjelmslev) e participar das diferentes escalas nas que se desenvolvem as socialidades. Isso significa, em certo modo, que é razoável a proposição de uma antropologia da imagem (Belting 2011 [2001]; Freedberg 1989). Um complemento desta hipótese é que, se as imagens são capazes de produzir seus próprios efeitos, é admissível repensar a disciplina antropológica e sua gênese na mediação das problemáticas visuais. Exemplos disto podem-se encontrar em outras áreas do conhecimento científico. No âmbito da geologia, Rudwick (1976, 1985) estudou o modo como a produção de ferramentas visuais, como mapas e diagramas, foi indispensável para o desenvolvimento dessa disciplina. Mais recentemente, Bredekamp (2008) desenvolveu um estudo sobre os desenhos de corais feitos por Darwin entre as anotações que derivaram na *Origem das Espécies* e afirmou que tais esboços foram o meio sob o que ele concebeu a evolução como um processo dotado de múltiplas vias de tempo. Seguindo a trilha destes enunciados, não se poderia dizer que os diagramas de parentesco, em vez de ferramentas auxiliares utilizadas para reafirmar ou ilustrar teorias exógenas, foram elementos constitutivos do saber antropológico como um todo?

Para responder afirmativamente a esta questão não desenvolverei uma ambiciosa genealogia das imagens que participaram dos grandes debates da nossa disciplina, mas o contrário. Proponho mostrar brevemente o processo de gestação de um argumento antropológico próprio na mediação de um problema visual derivado da diagramática de Rivers. Este argumento culminará na proposição de um conceito que chamarei *rota de consideração*. Nesse sentido, tratarei de apresentar uma pequena contribuição para a antropologia do parentesco e da família a partir da sua gênese singular no decorrer de minha pesquisa de campo no Vale de Araotz (Oñati), no meio rural do País Basco. Trata-se de um ar-

gumento que se debruça na enunciação das relações de parentesco por determinados habitantes locais e sobre o modo como esta participa da produção imanente das casas desse lugar, num processo que em outro lugar denominei *oicogênese* (Heras 2016).

Leach no Vale de Araotz

O período de campo ao que me refiro neste texto vai de janeiro a abril de 2016. No decorrer de três meses procurei desenvolver uma etnografia sobre os processos de produção de determinadas casas, conhecidas como *baserri*s, localizadas em Araotz, bairro rural do município de Oñati, no País Basco (Espanha).

Segundo uma miríade de estudos especializados, o *baserri* ‘é’ algo: para a maioria dos arquitetos e historiadores da arte o *baserri* é uma “tipologia arquitetônica” própria do País Basco (Santana *et al.* 2001); para os economistas é uma “exploração agrícola-ganadeira” sobre a que se estrutura um sistema de subsistência rural característico das regiões históricas bascas (Etxezarreta 1977); para a maior parte dos antropólogos, desde que Le Play (1895 [1870]) aplicasse sua tipologia da *famille souche* para o contexto rural basco, o *baserri* é uma instituição de caráter moral que articula um grupo doméstico tri-generacional que perpetua o que alguns chamaram de “linhagem de casa” (Augustins 1989) mediante um sistema de herança *troncal* (unigenitura) e uma regra de residência bilocal ou utrolocal²; para inúmeros teóricos e ideólogos políticos bascos o *baserri* é um condensador folclórico e o símbolo por excelência da cultura (e da nação) basca (Añibarro 1965; Guimón 1924; Sota Aburto 1976 [1946]), etc. Enfim, de início, o *baserri* parece ‘ser’ muitas coisas.

Esse foi o problema de base que levei para campo. Como descrever a produção de algo tão heterogêneo sem cair num discurso pré-formulado e unitário que, ao definir ou redefinir, desautoriza as outras definições e indefinições possíveis? No fim das contas, eu cresci no País Basco e estou aparentado com muitos dos meus informantes (minha avó nasceu numa das casas que eu estudei); quando era adolescente, acreditei com certa firmeza no discurso nacionalista que via no *baserri* um símbolo identitário; quando cursei os estudos superiores de arquitetura quis contribuir para a definição do *baserri* como uma tipologia arquitetônica; e quando iniciei os estudos de pós-graduação em antropologia fiquei fascinado com a adequação do caso basco a teorias como a das *sociétés à maison* de Lévi-Strauss (1981 [1979], 1986 [1984]; 1987; 1991). Minha biografia era um caso curioso dessa deriva problemática, de modo que o ceticismo definitivo se consolidou como uma ferramenta analítica que me acompanhou durante a totalidade do estudo; uma ferramenta da que Leach já fez uso em seu estudo sobre Pul Eliya (1961):

Apesar de defender que meu estudo especializado de Pul Eliya tem implicações gerais, não estou propondo uma classificação. [...] Não estou propondo tais tipologias, porque sou cético com todas as tipologias. (Leach 1961: 10)

2 Sobre os termos “bilocal”, “utrolocal” e “utrolateral” ver Barnes (1960), Murdock (1949), Needham (1956) e Freeman (1958, 1970).

Ao constatar que “Pul Eliya não provem de nenhum ‘tipo’” (ibid.: 11), Leach desenvolveu uma via metodológica que lhe permitiu analisar o “andamento de um sistema social particular nos detalhes da sua singular particularidade” (Leach 1961: 4). Sua proposta, desse modo, consistiu na descrição de “um caso histórico” (ibid.: 5); um conjunto de “fatos” ou “estados de coisas” que envolveram a questão do parentesco nesse lugar específico e que o antropólogo registrou no decorrer de um ano de campo, 1954. De imediato, o autor se deparou com a dificuldade de pensar o parentesco local sem problematizar paralelamente as questões que envolviam o território e sua posse, algo que, por outro lado, vários autores levantaram de uma maneira não muito distante a propósito do parentesco no meio rural basco (Augustins 1987; Douglass 1969, 1975; Ott 1981). Desse modo, ao analisar o modo como as relações de consanguinidade e afinidade se constituíram historicamente através do formato e da topografia dos campos de cultivo, se ajustando a elas mais do que alterando o terreno a conveniência de uma sociedade transcendente (ibid.: 177), Leach procurou demonstrar que em Pul Eliya não se fazia parentesco para além da territorialidade (ibid.: 146), e vice-versa.

Foi assim como encontrei no antecedente metodológico deste autor um meio válido para produzir um estudo etnográfico capaz de não cair nas definições padronizadas, de modo a procurar uma ferramenta descritiva que envolvesse e problematizasse simultaneamente os diferentes âmbitos de conhecimento (a arquitetura, a economia, o parentesco, etc.) que pudesse encontrar em campo. Tal método consistiu em fazer do particularismo histórico (da gênese das singularidades) a escala descritiva predominante. A adoção deste olhar, contudo, trouxe o que por alguns momentos se mostrou como um inconveniente para a pesquisa de campo e que consistiu numa inércia formalista que insistia em formular e registrar as relações de parentesco de um modo diferente de como chegavam aos meus ouvidos. O motivo disto foi que, uma vez que o Pul Eliya de Leach se instalou na minha mala, resultou praticamente impossível não sucumbir à imagética a do seu famoso diagrama genealógico (Fig.03).

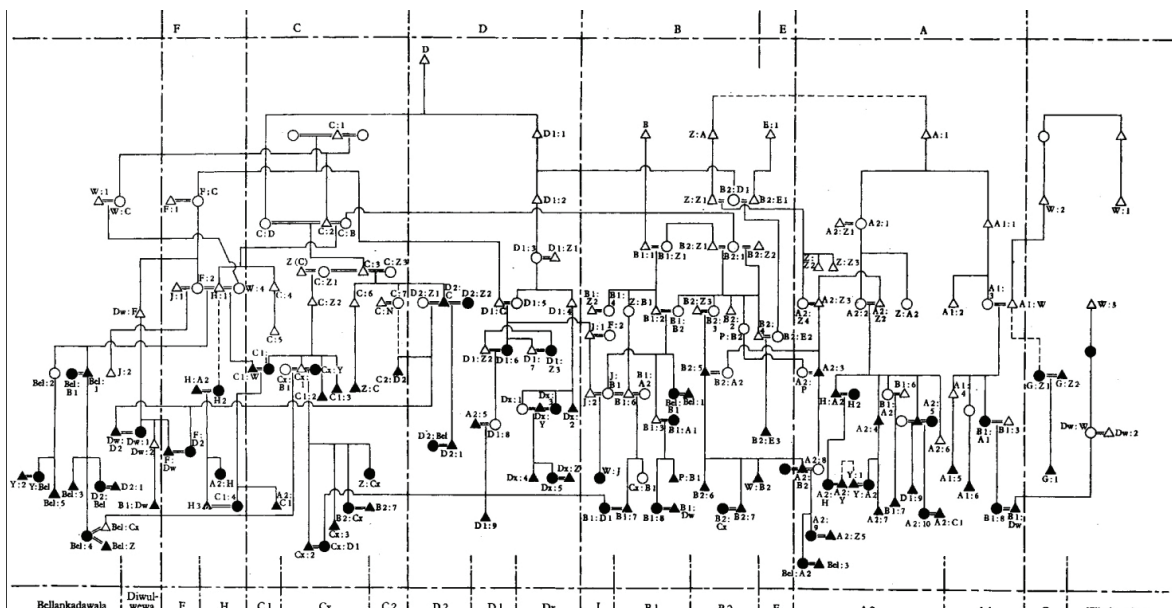


Fig.03: “Gráfico i: Genealogia principal mostrando os padrões de sucessão residencial nos grupos compostos de Pul Eliya” (Leach 1961).

À primeira vista, o que me interessava do diagrama em questão era que este procurava refletir formalmente o problema analítico do livro. Se para Leach se tratava de descrever o andamento particular do parentesco e da posse do território na vila de Pul Eliya, nenhum “modelo mecânico” de tipo leivstraussiano (como a Fig.02) poderia dar conta da visualidade deste problema; era necessário expressar a complexidade da história, de modo que o diagrama devia fazer referência às vidas reais dos habitantes locais. A novidade que essa imagem trouxe para a grafia genealógica, no entanto, não consistiu na exposição diagramática de relações de parentesco históricas (algo que o próprio Rivers fez no diagrama Kurka, Fig.01), mas na incorporação de um novo código. Leach não se contentou em trabalhar a partir de três tipos de relação entre duas figuras geométricas (triângulos e círculos) numa escala cronoreferencial expressa no eixo vertical (como propõe o método genealógico clássico), por isso adicionou um sistema de tiras ou “*strips*” georeferenciais no eixo horizontal. Isto fez com que a genealogia virasse um mapa de coordenadas: a localização de cada triângulo ou círculo faz referência a um ponto espaço-temporal, e daí a uma relação de posse territorial num momento histórico determinado.

Interessado, entre outras coisas, em registrar as relações históricas de aliança que envolveram os diferentes *baserris* de Araotz, o formato gráfico que inspirava esse diagrama parecia perfeitamente adequado a meu caso de estudo. Precisamente, uma das primeiras constatações ao chegar a Araotz foi que, como uma vizinha me disse, “aqui todo o mundo é primo”, inclusive o etnógrafo que os estudava. A propósito da minha entrada em campo, Iñaki, primo do meu pai e habitante de Araotz, me assegurava: “Ion, se você disser a alguém daqui que sua avó é Josefa de Antzuena é como se você lhe mostrasse simultaneamente o RG, o CPF e o passaporte. Fica tranquilo, as pessoas vão imaginar quem é você e vão te abrir a porta”.

Não mencionei ainda que em Araotz (e no País Basco em geral) as casas, os *baserris*, tem nome próprio. Antzuena*³ é o nome do *baserri* em que nasceu minha avó e ao qual minha família é vinculada. As pessoas são comumente citadas em referência ao *baserri* do qual provém. Dessa forma, Iñaki Lazkano, nascido no *baserri* Antzuena*, é conhecido como Iñaki [de] Antzuena*; Mariángeles Celaya, nascida no *baserri* Elorto*, é conhecida como Mariángeles [de] Elorto*, etc. Antzuena*, nesse sentido, foi o meio pelo qual eu fui apreendido a todo momento pelos moradores e, simultaneamente, foi o meio estratégico que encontrei para me introduzir em determinadas casas e conversas. Tal e como Iñaki disse, o nome da casa da minha avó era o passaporte que me permitia transpassar as fronteiras domésticas, de modo que, em lugar de ser antropólogo, a cada instante fui “filho do filho [*semearren semea*] de Josefa de Antzuena*”, “primo dos Lazcanos de Antzuena*”, “filho do sobrinho de Eusebio de Antzuena*” etc. ou simplesmente, como me disse Agustín de Txomena*, “sangue daqui [*hemengo odola*]”. Meu relacionamento com os araoztarras era constantemente mediado por laços parentais parciais que, mais do que existir, se manifestavam (sempre de diferentes modos) nos seus enunciados. Minha situação em campo, dessa forma, tinha muito menos a ver com as crises metodológicas e éticas do “antropólogo nativo” ou do “auto-antropólogo” (Nayaran 1993, Strathern 2014 [1987]), e mais com a questão prática de um parente desconhecido que é apreendido ou “considerado” (Marcelin 1996, 1999; Marques 2013, 2014, 2015) segundo as circunstâncias.

3 Para facilitar a identificação dos nomes dos *baserris* no texto, estes virão acompanhados do símbolo *.

Depois insistirei na noção de “consideração”. Por enquanto apenas quis assinalar o motivo que me levou a emular a Leach na produção de um diagrama que mostrasse as relações históricas de parentesco entre as casas de Araotz, pois, foi assim como, com a certeza de estar produzindo um documento etnográfico rigoroso, comecei a confeccionar o seguinte diagrama (Fig.04):

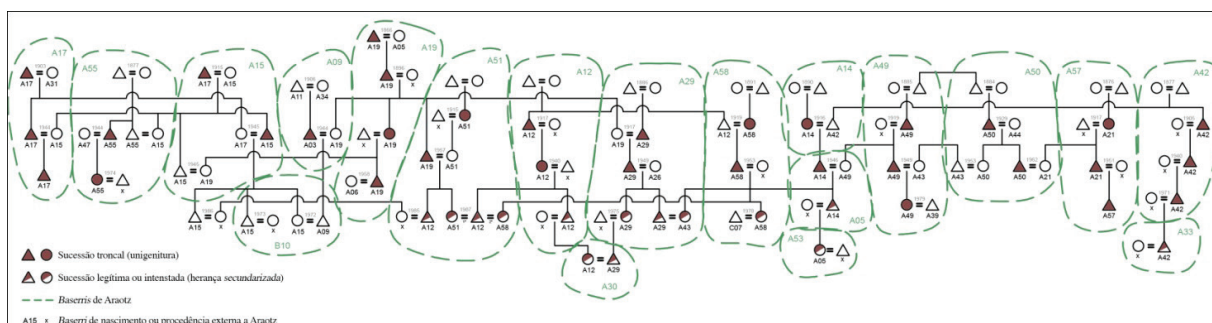


Fig.04: Matrimônios entre habitantes 19 *baserri* de Araotz. As linhas verdes delimitam os grupos domésticos de cada *baserri*; as figuras em vermelho obscuro indicam os herdeiros e o tipo de sucessão (troncal ou intestada); as siglas assinalam o baserri de procedência de cada indivíduo.

O desenho mostra os matrimônios entre habitantes de 19 dos 64 *baserri* de Araotz no decorrer de, aproximadamente, um século. Apesar de sua evidente simplicidade (se comparado com o desenho de Leach), o trabalho necessário para elaborar o diagrama foi considerável. Inicialmente, foi preciso traçar diagramas genealógicos dos indivíduos que compuseram os diferentes grupos domésticos históricos de cada casa. Isso envolvia todos os nascidos na casa, independentemente de serem unigênitos/as (herdeiros/as) ou de terem saído do *baserri* depois do matrimônio, e os cônjuges deles, que incluíam os nomes dos lugares (dos *baserri*) dos que provinham. Em alguns casos, para poder recopilar a informação de cada indivíduo, foi necessário conversar em cada casa com pessoas de diferentes gerações e consultar os arquivos paroquiais do bairro. Posteriormente, integrei os diagramas de todas as casas registradas num único desenho. Para tanto, foi necessário um trabalho de depuração, isto é, de seleção de informação: na sistematização das relações entre casas, aqueles parentes que depois do casamento foram residir fora de Araotz ou que não casaram (na maioria dos casos permanecendo celibatários e residindo na casa de nascimento), foram omitidos. Em resumo: o diagrama apenas mostra os nascidos em determinadas casas de Araotz que casaram com outros nascidos nessas mesmas casas, isto é, as supostas relações de aliança entre determinadas casas de Araotz. A pergunta que proponho fazer a continuação é: para que? ou, dito de outro modo, em que medida isso nos diz algo de Araotz ou do funcionamento efetivo da aliança em Araotz?

Chegados até aqui, a crítica de Bouquet (1996) mencionada acima parece fazer todo o sentido. A confecção desse artefato precisou de um demorado trabalho de recopilação, depuração e integração de informação obtida numa heterogeneidade de situações para, uma vez acabado, representar algo que uma araoztarra como Mirari de Txomena* consegue expressar com um simples enunciado: “aqui todo o mundo é primo”. Visto desse modo, o diagrama diz muito sobre os métodos, as preocupações e os interesses do antropólogo, mas pouco sobre o que de fato acontece em Araotz.

O reconhecimento do meu fracasso se deu no dia em que, orgulhoso do meu trabalho, mostrei o diagrama para Iñaki de Antzuena* com a intenção de que o validasse. Iñaki tinha me acompanhado à maioria das visitas que fiz às casas citadas no desenho; ele foi testemunha do processo de registro e sabia das minhas intenções de fazer um mapeamento geral. Ele, ademais, demonstrou em mais de uma ocasião que estava perfeitamente capacitado para interpretar um diagrama genealógico, contudo, quando olhou para a figura sua reação foi de absoluta indiferença. Nessa ocasião, perguntei para ele por alguns indivíduos que faltavam. Iñaki os citou, e procurou me explicar as relações de parentesco de cada um deles com outros indivíduos que eu conhecia. Para poder fazer isso, no entanto, ele deixou o diagrama a um lado e relatou para mim, como já tinha feito em outras tantas conversas, uma maranha de acontecimentos, de nomes de casas, de descrições de pessoas, de valorações pessoais, etc. Durante vários minutos relacionou de modos imprevisíveis os símbolos do meu desenho por meio da citação de pessoas, lugares e aspectos que ficaram de fora por causa da minha ‘depuração’ ou que, simplesmente, nunca foram pensados por mim. Enfim, a reformulação verbal que Iñaki fez de alguns conteúdos que supostamente o diagrama expressava, demonstrou que o que eu procurava saber de modo abstrato e sucinto —que tipo de linha unia determinado triângulo e determinado círculo— envolvia uma completa heterogeneidade para ele.

O diagrama, nesse caso, produziu uma série de efeitos; uma realidade própria. Por um momento foi mais do que uma representação de determinadas relações de parentesco; foi uma imagem agenciada a um momento etnográfico concreto que permitiu evidenciar, sob a mediação da indiferença de Iñaki e a sua reformulação do que a figura procurava representar, uma série de enunciados que expressavam o parentesco de um modo até o momento despercebido por mim. Graças aos problemas derivados da figura genealógica, ficou patente que para Iñaki a afinidade que ligava o bairro não se manifestava em forma de uma enorme genealogia totalizante e previamente sistematizada na sua mente, mas na formação circunstancial de cada linha parcial, isto é, como enunciados particulares que, através de citações e considerações, evidenciam e/ou reativam o parentesco processualmente.

Desenvolverei esta questão adiante. Por enquanto, cabe dizer que, se a reação de Iñaki me levou a abandonar todo intento de sistematização gráfica do parentesco local para atender o modo como os enunciados singulares dos araoztarras identificavam e concretizavam processualmente determinadas relações de parentesco, isto, paradoxalmente, me aproximou mais do particularismo histórico do método de Leach. Não se tratava mais de etnografar a particularidade de determinados “estados de coisas”, mas a de cada ato de enunciação.

Rotas de consideração

Alguns amigos de Iñaki debocham dele em relação à sua capacidade prodigiosa de citar séries completas de parentes, sejam dele ou de outros moradores de Araotz. Ele se defende dizendo que outros memorizam nomes de filmes e de diretores de cinema e que ele tem memória para nomes e sobrenomes de parentes. A verdade é que, se alguém cita o nome de uma pessoa, ele sabe de imediato de que

casa essa pessoa provém, e sabendo isso consegue relacioná-la a qualquer outro *baserri* de Araotz e a partir dele aos seus moradores.

Segundo Iñaki é plausível dizer que é graças aos nomes das casas que os acontecimentos e as pessoas se estruturam na sua cabeça; cada casa parece funcionar como um dispositivo mnemônico que possibilita a “identificação genealógica” (Jolas e Zonabend 1970). Para ele, então, a rememoração das relações de afinidade entre indivíduos de diferentes famílias se apoia constantemente em analogias que se traduzem em relações de afinidade entre casas, de modo que, se em algum momento não lembra do nome deste ou daquele parente, apenas precisa citar a casa com a qual ele se relaciona. Nessas situações, Iñaki usa frases como “aquela pessoa casou *com* tal *baserri*” (casou com alguém do *baserri*) ou “aquela outra pessoa casou *para* tal *baserri*” (casou com alguém do *baserri* e foi morar nele). Em uma ocasião pedi a ele que me citasse os parentes próximos de Mariángeles de Elorto*, casada com seu irmão, para que eu pudesse anotá-los; a resposta de Iñaki percorreu o seguinte itinerário:

[1º] Os de Elorto* são de sobrenome Celaya-Zubia. Mariángeles e seus irmãos Pedro e Jesús Mari. Depois Pilar, que morreu. O pai deles era Eustáquio Celaya e a mãe era Gregória Zubia Zubia, que vinha de Erramuena*.

[... 2º] Pedro está casado com Arantza Agirre; ela é de Oñati, mas a mãe dela era de sobrenome Goitia, e era de Gerneta Etxebarri*. Ela era tia de Paula e María, que casaram com Gregório e Enrique, os irmãos de meu pai e de sua avó.

[... 3º] Depois... ainda não falei, mas Jesús Mari está casado com Manoli Cueva, que vem de Jaén [sul da Espanha] e que, casualidades da vida, é prima de Kati Cueva, que também é de Jaén e casou com um de Otxuena*, Javier Orueta, também meu primo, mas por parte de mãe... O pai da Kati é... irmão... da mãe... de algum desses aí; elas nasceram em Jaén, mas vieram as duas famílias para Oñati. Que mundo pequeno, ne?

[... 4º] Agora... estava te dizendo... Gregória, a mãe de Mariángeles, era de Erramuena*. Pois bem, quem herdou o *baserri* foi Braulio, que casou com Úrsula Celaya, que... ah! também era de Elorto*! (risos) Ou seja, que aí estão *cruzados*. Úrsula, então, era irmã de Eustáquio, de modo que um irmão casou com uma irmã e uma irmã com o irmão da outra. Ursula saiu de Elorto* e foi a Erramuena*, e Gregória saiu de Erramuena* e veio para Elorto*. Mas antes disso Gregória e Bráulio nasceram em Gontzaluena*, e daí, ainda quando eram crianças, se mudaram a Erramuena*, onde moravam de aluguel [...].

No momento em que gravei esta fala apenas anotei no caderno de campo os nomes e relações que contribuíam de algum modo para o diagrama anterior (Fig.04). Nessa conjuntura, a descrição de Iñaki era um meio barulhento do qual era preciso extrair determinadas informações sintéticas. Contudo, os acontecimentos relatados acima reclamavam a possibilidade de uma outra maneira de formular a visualização deste problema: e se a fala de Iñaki, mais do que um meio para chegar até os conteúdos de um suposto parentesco ‘real’, fosse uma forma de realizar o próprio parentesco em ato? Diz Marcelin que “parente é parente somente quando é ‘reconhecido’ como tal, [pois] ser pai é antes de tudo reconhecer que o filho é *seu* filho” (1999: 45). Próximos disto, Villela e Marques (2016) afirmam que a escritura e a enunciação da genealogia são a expressão imanente de um stock de filiações político “que funciona

como um critério seletivo que distingue os parentes dos não parentes” (ibid.: 295), isto é, são a atualidade e/ou a atualização do parentesco. Nesse caso, se, mais do que um dado *a priori*, a família é algo a se fazer (Villela 2009), não seria a própria fala de Iñaki o que deveria se diagramar (Fig.05)?:

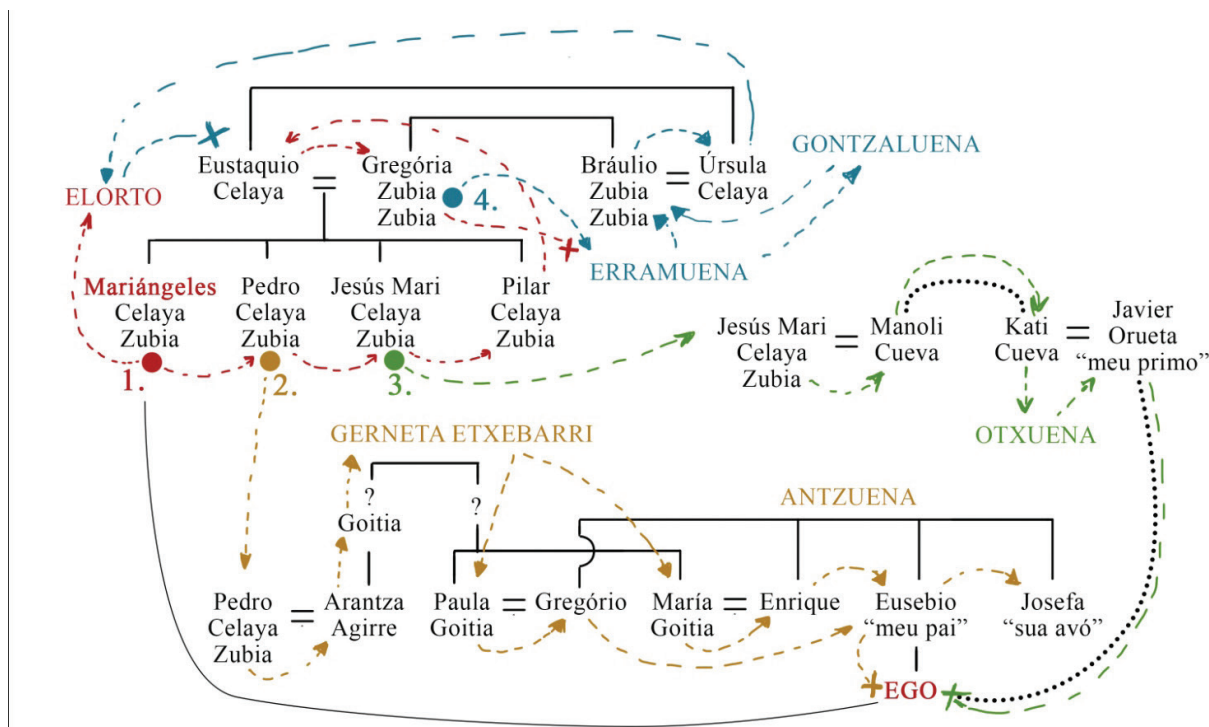


Fig.05: Itinerário de citações, em quatro caminhos, percorrido por Iñaki de Antzuena* a partir de uma pergunta sobre os parentes de sua cunhada, Mariángeles de Elorto*.

Entre cada um dos quatro caminhos, que chamarei *rotas de consideração*⁴, percorridos por essa fala particular, Iñaki se desvia se divertindo com uma enorme quantidade de informações e fofocas sobre uns e outros; me fala de uma filha freira de Bráulio, “que casou com outro de Araotz... com esse que dizem que está em todos lados [Deus] (risos)”, de outra mulher conta uma relato sobre o muito que ela bebia e sobre como falava mal dos outros quando saíam bêbados de Mantxuena*, o *baserri-boteco* do bairro, etc. Entretanto, na deriva que levou ele de um parente a outro e de uma casa a outra se deparou com dois *curros* inesperados (através de [2º] Gerneta Etxebarri* e de [3º] Otxuena*) que reconheciam de modos diferentes a afinidade entre sua cunhada e ele (e em consequência, também comigo). Quero dizer com isto que Iñaki não armazena em sua memória frases do tipo “Mariángeles é irmã do marido da prima da esposa de um irmão do meu pai” (literalmente, a relação que os envolve mediante o 2º percurso) ou “Mariángeles é irmã do marido da prima da esposa do meu primo” (mediante o 3º percurso), mas, dependendo das circunstâncias da enunciação e sua deriva nominal, ele consegue produzir essas relações. Por outro lado, em sua fala encontramos dois casos evidentes em que o nome do *baserri* participa como catalizador imprescindível para determinadas *considerações*. O primeiro caso se evidencia quando ele encontra a relação entre Arantza Agirre e Paula Goitia e chega à conclusão de que eram primas porque a mãe de Arantza era do *baserri* Gerneta Etxebarri*; Iñaki desconhece as relações de

4 Faço-o remetendo diretamente a noção de “consideração” ao trabalho de Marcelin e Marques, citado acima.

parentesco que intermediam essa relação, mas sabe que ambas procedem do mesmo *baserri* e reconhece aproximadamente a geração de cada uma delas, de maneira que pode calcular que uma era tia da outra. O segundo caso sobressai no momento (já no final da fala, nos 4º percurso) em que Iñaki lembra que Úrsula provinha do *baserri* Elorto* e, em consequência, assume que ela era irmã de Eustáquio. É também nesse momento que Iñaki percebe que o casamento desses indivíduos produziu um “cruzamento”, isto é, ele mesmo se depara com a existência de um “reencadeamento [*renchaînement*] da aliança” (Jolas, Verdier e Zonabend 1970; Jolas e Zonabend 1970) proporcionada pela reiteração do casamento de *siblings* entre casas (também no casamento de Paula e María com Gregório e Enrique do 2º curso).

Apesar desta impressionante citação, Iñaki assegura que sua boa memória para nomes de parentes e de *baserri*s não é exclusiva dele, e que “outros, como meu irmão Javier, conseguem ir muito mais longe”, isto é, conseguem fazer rotas de consideração que relacionam mais nomes de casas e de parentes. De fato, ver um araoztarra em ação fazendo uso dessa mecânica mnemônica é um espetáculo digno de menção. Em uma ocasião, Iñaki e eu visitamos a Miren de Amiamena* com a intenção de escutar algumas “velhas histórias [*kontu zaharrak*]” do bairro. Sem a necessidade de que eu fizesse qualquer pergunta, Miren, por iniciativa própria, passou aproximadamente três horas falando sobre as relações entre determinados parentes e vizinhos nos tempos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), o que lhe acarretou a necessidade de citar no decorrer da conversa mais de 30 nomes de *baserri*s.

Apresentarei mais um exemplo. Conversando com Jaime de Errastikua* sobre como as raízes das árvores podiam afetar aos alicerces dos *baserri*s, mencionei para ele algo sobre “o *baserri* de Mariángeles” (a mesma Mariángeles citada anteriormente); por um momento ele não percebeu a que Mariángeles me referia, até que traçou um curso considerativo (Fig.06):

Ah! Claro! Mariángeles! Sim, sim... a de Elorto*, a cunhada de Iñaki. Mariángeles... sim... a irmã de Pedro, que jogava *pilota* [esporte rural basco] com meu irmão Benjamín. Você sabe que um tio deles virou tio nosso? Um tio deles, o tio Juan, que era irmão do pai dela, casou com uma irmã do meu pai, Mari Carmen, e temos tios em comum. Ele saiu de Elorto*, e quando casou veio morar um tempo em Errastikua*, porque meu pai ainda não tinha herdado o *mayorazgo*; depois eles se mudaram para Legazpia. Então, quer dizer que em Elorto* tem uma árvore tão perto dos alicerces da parede? Isso é um perigo!

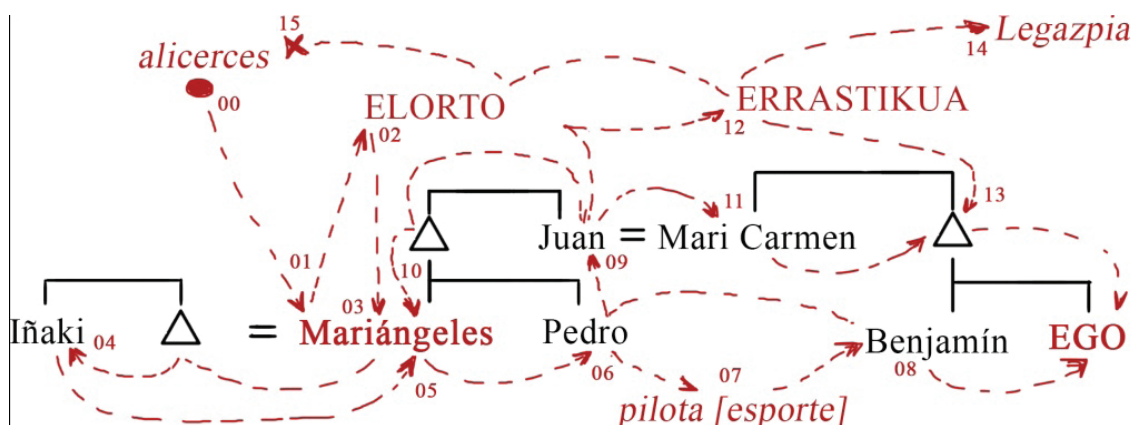


Fig.06: Curso de consideração de Jaime de Errastikua*.

Como diz Villela, “qualquer família é aos pedaços. Pedaços atuais que aparecem como uma totalidade virtual nas reflexões ou nos escritos mnemônicos dos genealogistas” (2009: 215). Neste caso, reconstruindo o traçado de matrimônios entre descendentes dos diferentes *baserris*, os vizinhos citados rememoraram processualmente segmentos ego-centrados e simultaneamente *oico-centrados* de uma maranha de relações de afinidade e consanguinidade que atravessa praticamente a totalidade do bairro, mas cuja revelação (cuja existência efetiva e imanente) é sempre parcial e particular. Contudo, se para a antropologia contemporânea o parentesco tende a se restringir às monografias que se autoproclamam contribuições para a área da “antropologia do parentesco”, nas minhas conversas com os araoztarras o parentesco despontava a toda hora e em todo lugar. Em qualquer conversa podia surgir uma rota de consideração, e em qualquer rota podia irromper um relato histórico, uma descrição visual ou uma manifestação moral, estética ou política. As rotas de consideração por mim recolhidas não isolavam o parentesco, de maneira que este era coproduzido em relação a uma miríade de outras instâncias. Nesse sentido, a genealogia que apresentei anteriormente (Fig.04) contribui para um segundo engano ao potencializar a diferenciação visual da casa e do parentesco como se estas fossem duas realidades separadas. Como disse, aquele esquema foi produzido a partir de uma enorme quantidade de enunciados e documentos; cada enunciado, no entanto, produziu seu próprio contexto de enunciação, e foi apenas nesse contexto que determinados parentes, determinadas casas e um sem-fim de outras questões foram articulados num agenciamento comum.

Enfim, foi ao diagramar os enunciados sobre parentesco (em vez de alguns conteúdos selecionados e extraídos desses enunciados) que consegui me deparar com uma dimensão etnográfica desconhecida nos estudos sobre o meio rural basco. O que quero ressaltar, entretanto, é que foi graças à problemática trazida por uma realidade catalisada por um diagrama riversiano (ou leachiano) que eu fui capaz de chegar até uma nova formulação antropológica. A imagem, então, não foi apenas uma representação, mas uma *presença* engajada às interações sociais que envolveram minha pesquisa de campo.

Conclusão

Mediante o relato desse pequeno processo de formulação antropológica, que me levou até a ideação do conceito de *rota de consideração*, pretendi mostrar como as imagens se engajam constantemente à interação social e, portanto, à produção de pensamento. Sejam nossas ou dos outros, as imagens são produtoras de relação (realidade) e, simultaneamente, são meio de infinitas formas de enunciação. No caso descrito acima, contudo, não foram os fins positivos da diagramática de Rivers os que permitiram a posterior formulação desse conceito, mas o seu reverso. Foi na constatação de que o diagrama inicial era uma imagem capaz de ser rejeitada e reformulada por um habitante local que uma nova dimensão etnográfica se evidenciou para mim. Foi um processo de ‘retroalimentação’ (usando a terminologia da cibernética), isto é, a reinserção do diagrama no fluxo da interação etnográfica, o que permitiu que este produzisse um meio de conhecimento.

Chegados até este ponto, poderia se fazer uma pergunta inversa da que estimulou inicialmente este pequeno estudo: é possível pensar sem a mediação de alguma forma de visualidade? Talvez seja a

hora de reconhecer que desde os seus inícios a antropologia esteve saturada de imagens, e que é na mediação delas que a disciplina se constituiu e continua se constituindo. Quiçá não seja necessário insistir tanto nas possibilidades de uma antropologia visual, pois, em certo modo, toda antropologia já é visual.

Ion F. de las Heras é doutorando em Antropologia no Departamento de História de América II (Antropologia de América) da Universidad Complutense de Madrid. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS da UFSCar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÑIBARRO, Víctor R. 1965. "Cuna de un Pueblo. Las Típicas Casas de las Montañas Vascas, en las que podían entrar el viento y la lluvia, pero no el Rey". *Boletín del Instituto Americano de Estudios Vascos*, v.16, n°62, pp. 103-107.
- AUGUSTINS, Georges. 1989. *Comment se perpétuer? Devenir des lignées et destins des patrimoines dans les paysanneries européennes*. Nanterre: Société d'ethnologie.
- BARNES, John A. 1960. "Marriage and Residential Continuity". *American Anthropologist*, Vol. 62, pp. 850-866.
- BOEHM, Gottfried (Ed.). 1994. *Was ist ein Bild?*. München: Fink.
- BELTING, Hans. 2011 [2001]. *An Anthropology of Images: Picture, Medium, Body*. Princeton: Princeton University Press.
- BREDEKAMP, Horst. 2008. *Les Coreaux de Darwin*. Dijon: Les Presses du Réel.
- BOUQUET, Mary. 1996. "Family trees and their affinities: the visual imperative of the genealogical diagram". *JRAI*, Vol.2, No. 1: 43-66.
- _____. 2001. "Making Kinship, with Old Reproductive Technology". In: S. Franklin, S. McKinnon (Eds.). *Relative Values: Reconfiguring Kinship Studies*. Durham: Duke University Press.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Orgs.). 1984. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- ETXEZARRETA, Miren. 1977. *El Caserío Vasco?*. Zamudio: Elexpuru.
- FREEDBERG, David. 1989. *The Power of Images: Studies in the History and Theory of Response*. Chicago: University of Chicago Press.
- GEERTZ, Clifford. 2010 [1989]. *El Antropólogo como Autor*. Barcelona: Paidós.
- GUIMÓN, Pedro. 1924. "El Alma Vasca en su Arquitectura". *Revista Arquitectura*, n°6, pp.166-173.

- FREEMAN, Derek. 1958. "The family System of the Iban of Borneo". *Cambridge Papers in Social Anthropology*, no.1, pp. 15-52.
- _____. 1970. "The Iban of Western Borneo". In T. G. Harding, B. J. Wallace, *Cultures of the Pacific*. New York, The Free Press, pp. 180-199.
- HERAS, Ion F. de las. 2016. *Algo a Fazer: Oicogênese e Arquitetura no Vale de Araotz (País Basco)*. Dissertação de Mestrado. PPGAS-UFSCar.
- JOLAS, Tina; VERDIER, Yvonne; ZONABEND, Françoise. 1970. "Parler famille". *L'Homme*, Vol. 10, No. 3, pp.5-26.
- JOLAS, Tina; ZONABEND, Françoise. 1970. "Cousinage, voisinage". In, J. Pouillon et P. Maranda (Orgs.), *Echanges et Communications. Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss*. Paris: Mouton.
- KLAPISH-ZUBER, Christiane. 1991. "The genesis of the family tree". *Tatti Studies: Essays in the Renaissance*, Vol.4 No. 1: 105-129.
- _____. 2000. *L'Ombre des Ancêtres: Essai sur l'Imaginaire Médiéval de la Parenté*. Paris: Fayard.
- LE PLAY, Frederic. 1895 [1870]. *L'organisation de la famille selon le vrai modele signale par l'histoire de toutes les races et de tous les temps*. Tours, A. Mame et fils.
- LEACH, Edmund. 1961. *Pul Eliya: a Village in Ceylon. A Study of Land Tenure and Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1981 [1979]. *A via das mascaras*. Porto: Presença.
- _____. 1982 [1949]. *As Estruturas Elementares de Parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1986 [1984]. *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1987. *Anthropology and Myth: Lectures 1951-1982*. Oxford: Blackwell.
- _____. 1991. "Maison". In: P. Bonte, e M. Izard (Eds.). *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- MARCELIN, Louis Herns. 1996. *L'Invention de la Famille Afro-Americaine: Famille, Parenté et Domesticité parmi les Noires du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 1999. "A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano". *Mana*, Vol. 5 (2), pp. 31-60.
- MARQUES, Ana Claudia. 2013. "Founders, ancestors, and enemies: memory, family, time, and space in the Pernambuco sertão". *JRAI*, Vol. 19, pp. 716-733.
- _____. 2014. "Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga". *R@U, Revis-*

ta de Antropologia da UFSCar, Vol. 6, No. 2, pp. 119-129.

_____. 2015. *Percurso e Destino. Parentesco e Família no Sertão de Pernambuco e Médio-Norte do Mato Grosso*. Tese de Livre-docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MURDOCK, George Peter. 1949. *Social Structure*. New York, Macmillan.

NAYARAN, Kirin. 1993. "How Native is a "Native" Anthropologist?". *American Anthropologist*, Vol. 95, No. 3, pp. 671-686.

NEEDHAM, Rodney. 1956. "'Utrolateral' and 'Utrolocal'". *Man*, Nos. 169-171, pp. 181.

RIVERS, William H. R. 1910. "The Genealogical Method in Anthropology Inquiry". *Sociological Review* 3: 1-12.

RUDWICK, Martin J. S. 1976. "The Emergence of a Visual Language for Geological Science, 1760-1840". *History of Science*, vol. 14: 149-195.

_____. 1985. *The Great Devonian Controversy*. Chicago: University of Chicago Press.

SANTANA, Alberto; LARRAÑAGA, Juan Ángel; LOINAZ, José Luis; ZULUETA, Alberto (Orgs.). 2001. *La Arquitectura del Caserío de Euskal Herria: Historia y Tipología. Tomo I*. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco.

SCHNEIDER, David M. 1984. *A Critique of the Study of Kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

SILVA, Marcio. 2010. "1871. O Ano que Não Terminou". *Cadernos de Campo*, No. 19: 323-336.

STRATHERN, Marilyn. 2014 [1987]. "Os Limites da Autoantropologia". In, M. Strathern, *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaio*s, pp. 133-158. São Paulo: Cosac&Naify.

VILLELA, Jorge Mattar. 2009. "Família como grupo? Política como agrupamento? O Sertão de Pernambuco no mundo sem solidez". *Revista de Antropologia*, Vol.52, No.1, pp. 201-245.

VILLELA, Jorge Mattar; MARQUES, Ana Claudia. 2016. "Le sang et la politique. La production de la famille dans les joutes électorales du Sertão du Pernambouc, Brésil". *Anthropologica*, Vol.58, No.2, pp.291-301.

FORMAS DO PARENTESCO: GRAFISMO E ENUNCIACÃO NO VALE DE ARAOTZ (PAÍS BASCO)

Resumo: É possível pensar através das imagens? Ou elas são apenas o suporte secundário de um pensamento que acontece em outro lugar? Este artigo versa sobre a possibilidade de pensar a visualidade como um âmbito capaz de participar das diferentes escalas nas que se desenvolvem as socialidades e, simultaneamente, sobre como uma possível reconsideração problemática e crítica da diagramática genealógica do método de Rivers pode ser fonte de novas formulações antropológicas. Para tanto, proponho mostrar brevemente o processo de gestação de um argumento antropológico próprio na mediação de um problema visual derivado do método genealógico. Este argumento culminará na proposição de um conceito que chamarei *rota de consideração*. Nesse sentido, tratarei de apresentar uma pequena contribuição para a antropologia do parentesco e da família a partir da sua gênese singular no decorrer de minha pesquisa de campo no Vale de Araotz (Oñati), no meio rural do País Basco.

Palavras-chave: País Basco; Antropologia da imagem; Antropologia do Parentesco; Método genealógico; Rota de consideração.

FORMS OF KINSHIP: GRAPHICS AND ENUNCIATION IN THE VALLEY OF ARAOTZ (BASQUE COUNTRY)

Abstract: Is it possible to think through images? Or are they just the support of a thought that happens elsewhere? This article discusses the possibility of thinking of visuality as a realm that can participate in the different scales in which socialities are evolved and, simultaneously, examines how a possible problematical and critical consideration of the genealogical diagrammatic representation established by the Rivers method can become a source of new anthropological formulations. Therefore, I would try to show the process of gestation of an own anthropological argument in relation to a visual problem derived from the application of genealogical method. This argument will culminate in the proposition of a concept that I named *consideration route*. In this sense, I will try to expose a small contribution to the anthropology of kinship and family through its singular genesis in the course of my field research in the Valley of Araotz (Oñati), in the Basque countryside.

Keywords: Basque Country, Anthropology of images, Anthropology of Kinship, Genealogical method, Consideration route.

RECEBIDO: 18/10/2017

APROVADO: 14/03/2018